

**Antecipações e contemporaneidades
em Gilberto Freyre: análises de final de século
e projeções para o século XXI**

MARISTELA OLIVEIRA DE ANDRADE

*Professora do Departamento de Ciências Sociais
e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia
CCHLA - UFPb*

A comemoração do centenário de nascimento de Gilberto Freyre nos convida a revisitar sua empolgante obra e reencontrar suas múltiplas facetas. Contudo, buscaremos neste artigo explorar tão somente duas delas: sua capacidade de produzir antecipações e seu sentido de contemporaneidade. Características de seu perfil que têm sido pouco lembradas, em virtude de seus detratores terem-no identificado principalmente como conservador e saudoso do passado senhorial. Tal equívoco resulta do desconhecimento das obras que ele escreveria em idade já avançada, nas quais exercita com sensibilidade e maestria sua capacidade de captar as tendências da sociedade contemporânea, no momento em que elas se mostram ainda pouco precisas.

Esta capacidade de antecipação ou antevisão de G. Freyre, embora vaidosamente reconhecida e propalada por ele mesmo, é sem dúvida inegável, daí porque havermos escolhido esta faceta, quase ignorada, como alvo de nossas reflexões neste trabalho. Os livros aos quais nos referimos em particular, foram escritos após a década de 70, e buscaram abordar explicitamente a sociedade contemporânea em face do final do século, levando-o a fazer algumas projeções que se confirmariam amplamente nas décadas seguintes. Trata-se de **Além do apenas moderno** (1973), **Insurgências e ressurgências atuais** (1981) e **Modos de homem & modas de mulher** (1986), dois deles, plenos de antecipações que, só mais tarde receberam análises mais consistentes de autores europeus, como veremos depois alguns exemplos. Outra característica desses livros é a abrangência com que ele aborda fenômenos contemporâneos, que não seriam exclusivos de culturas particulares, mas compartilhados por áreas culturais mais abrangentes como o oriente e o ocidente, o mundo cristão e o mundo islâmico, ou ainda que teriam a possibilidade de expandir-se em sínteses universalizantes. Esta preocupação de Freyre com a contemporaneidade e seu gosto pelo exercício de futurologia demonstram que seu interesse pela cultura brasileira não era exclusivo e, que buscava igualmente uma visão cosmopolita do mundo.

Em **Além do apenas moderno**, ele ocupou-se explicitamente da problemática dos "*possíveis futuros*" da humanidade e do homem brasileiro, cuja ênfase recaiu sobre as transformações sociais que ele chamou de "*revolução biossocial*", que estaria em curso na sociedade contemporânea, fazendo-se notar especialmente nas sociedades mais avançadas. Revolução que foi detectada entre outros fatores, através das alterações visíveis na composição populacional, caracterizadas pelo aumento da população nas faixas etárias mais elevadas, dando margem para o aparecimento da chamada terceira idade (termo que ainda não era habitual). Tal revolução biossocial seria complementada por outros fatores visíveis como a crescente indiferenciação entre os sexos (antes marcada por padrões rígidos de diferenciação entre o masculino e o feminino), e pela expansão das formas homossexuais de uniões. Esta flexibilização de fronteiras no plano sexual estende-se para o plano étnico (através da mestiçagem em territórios antes guardiães da pureza racial), em que a ciência e

a tecnologia têm contribuído através de intervenções cirúrgicas para alterar aspectos biológicos congênitos ou hereditários, como a mudança de sexo ou a modificação de traços fisionômicos de caráter étnico como a troca de olhos oblíquos por redondos, ou de nariz africano por nariz grego, podendo até alterar a coloração da pele. Estas transformações biossociais são, portanto, amplamente fruto dos avanços tecnológicos, não só no campo da medicina e da genética, mas sobretudo no campo da automação, esta provocando uma crescente liberação do homem do trabalho exaustivo e mecânico, cuja conseqüência é o aumento do tempo livre, tempo de lazer.

Entretanto, para compreender o sentido mais profundo da revolução biossocial, Gilberto Freyre se utiliza principalmente da noção de tempo, observando que as transformações recentes resultam do surgimento de uma forma de experimentar o tempo que rompe com o tempo imposto a partir da Revolução Industrial. Em sua análise, traz de volta a visão clássica de Sêneca entre o ócio e o negócio, para afirmar que o ócio desprezado e condenado pela ética calvinista, em favor do negócio, na forma do tempo de trabalho, dominante na modernidade capitalista, vem aos poucos sendo alvo de uma inversão, como revelam suas pertinentes palavras no trecho abaixo:

"Restaura-se a relação do Homem com o Tempo em termos menos de produtividade de trabalho individual ou grupal que de capacidade do desocupado – indivíduo ou grupo – para preencher o tempo desocupado ou livre de modo diversamente lúdico, hedônico e, em alguns casos, criador ou sublimador: a criação artística, a invenção científica, a contemplação de caráter filosófico, a diversificação de atividades esportivas... a sublimação do ócio pela meditação ou pelo êxtase religioso..." (Freyre, 1973: 108-109).

As variadas formas buscadas pelo homem contemporâneo para usufruir seu tempo de ócio apontadas por Freyre, vão ser reapropriadas por Lipovetski em seu impressionante livro **Le crépuscule du devoir**, de 1992 (Lipovetski, 1994), onde o autor avalia os elementos mais visíveis dessa "revolução biossocial" sob a ótica da crescente demanda social pelo retorno dos valores morais. Seu enfoque parte da ética do bem estar individual e do hedonismo até o culto ao corpo perfeito e sadio, envolvendo a tomada de decisões quanto à mudança de sexo ou o momento de morrer, antes impensável. Sua análise prossegue abordando a substituição da ética do trabalho pela valorização do tempo fora do trabalho, bem traduzida na máxima registrada pelo autor: *"A vida começa depois do trabalho"* (Lipovetski, 1994: 175). Na seqüência de sua análise expõe o advento da consciência verdade, que propõe uma retomada do *"contrato natural"* em repúdio ao *"contrato social"*, que seria o responsável pela degradação do planeta, advogando em favor da natureza numa postura antihumanista. Embora a análise de Lipovetski demonstre um pessimismo irônico em suas projeções para o homem, em que acaba por visualizar uma saída através da ética do negócio, o que significa uma saída que passa pelo arbítrio da economia. O desenvolvimento da bioética representa igualmente, para ele, um passo fundamental contra os direitos do indivíduo soberano, enquanto a ética do negócio deverá proporcionar os limites ao *"culto cego do presente"* (Lipovetski, 1994: 259). Segundo Lipovetski foram os medos provocados pelos excessos de poder acumulados pela tecnociência e pela mídia que fizeram irromper a febre pelos valores em todos os campos sociais, tornando a questão da responsabilidade um problema central da ética pós-moderna. Tal demanda social teria alcançado o âmbito das empresas, cuja contribuição enseja o desenvolvimento da ética ou da moral do negócio, que baseia-se na busca de equilíbrio e sensatez (Lipovetski, 1994: 235-245).

As projeções de Gilberto Freyre revelam, ao contrário, confiança no futuro, que estaria a nos reservar agradáveis surpresas, com a substituição da lógica

racionalista dos tempos modernos pela intuição criadora dos tempos pós-modernos, prevendo o retorno do Romantismo. Se Lipovetski enxerga apenas um porvir menos sombrio e suavizado por tímidas iniciativas no campo da ética, incorporadas pelas grandes empresas; Gilberto Freyre parece aguardar uma espécie de idade de ouro através da liberação crescente do homem do trabalho e o aumento de seu tempo livre, para dedicar-se a atividades criadoras ou mesmo para desfrutar da pura contemplação. Com isso, ele prevê a valorização do trabalho intelectual e artístico e das práticas lúdicas, incluindo não só as atividades esportivas como as de cunho folclórico.

Contudo, a diferença básica entre as duas visões é que, enquanto Lipovetski busca saídas para impasses criados pelas exacerbação da racionalidade e da mística do trabalho no próprio contexto ocidental que os criou; Gilberto Freyre constata o esgotamento do modelo europeu, no que se refere à Europa imperial, protestante, capitalista e racionalista. A península ibérica não tendo sido de todo arrastada por essa corrente cronométrica do negócio, estaria agora "pronta", segundo ele, para "antecipar-se" em relação à Europa do Norte em face da pós-modernidade (Freyre, 1973: 208). Seu argumento baseia-se em reflexões que ele faria, anos antes, em torno da concepção ibérica do tempo, que sendo precronométrica, seria incompatível com a concepção moderna, em seu sentido cronométrico mecânico, mantendo-se os seus aspectos arcaicos. Daí estarem os ibéricos mais aptos a lidarem com o tempo livre e com o ócio, na medida em que, segundo ele, os povos modernos teriam perdido a "*capacidade de viverem ludicamente o tempo livre*" (Freyre, 1973: 116). Neste sentido, curiosamente, os povos ibéricos com seu vasto reservatório de cultura folclórica teriam a ensinar, nesta matéria, aos povos que ganharam na corrida tecnológica, cujas formas de divertimento oferecidas às massas (futebol, corridas de automóveis, etc.) as fazem unicamente passivos espectadores. As atividades lúdicas constantes no repertório folclórico, através de um extenso calendário festivo, permitem uma participação ativa de grupos significativos de pessoas, de modo a preencher o tempo livre, de forma mais saudável, do que na condição de observadores passivos.

A ética utilitária amplamente adotada na Europa do Norte e na América do Norte seria responsável por esta inabilidade para usufruto desinteresse do tempo livre, que acaba por condicionar-se à lógica do lucro de uma poderosa indústria do lazer. Com base em um artigo do sociólogo americano B.M. Berger, "*The futillity of utility*" datado de 1962, Freyre destaca a observação do autor de que "*talvez os camponeses espanhóis e mexicanos continuem livres do domínio daquela ética utilitária e aptos, por conseguinte, a desfrutarem o seu tempo livre despreocupados de considerações utilitárias*" (Freyre, 1973: 117). Insatisfeito com a alegação do sociólogo americano, restrita a apenas esses dois grupos populacionais, faz questão Freyre de indicar que aqueles não são exceções, devendo-se acrescentar os portugueses e italianos do sul, bem como os denominados hispanotropicals. Quanto aos brasileiros, reconhece ele que, embora algumas áreas mais industrializadas no sudeste do país tenham sido invadidas pela mística do trabalho, subsiste um brasileiro "*porventura típico*" que conserva uma visão não-cronométrica do tempo, com gosto especial pelo lazer através de sua "*religiosidade festiva, folclórica, mística...*" (Freyre, 1973: 237).

Na década seguinte ele publica novas e instigantes reflexões sobre o mundo contemporâneo através do seu, já mencionado livro, *Insurgências e Ressurgências Atuais*, onde ele retoma uma de suas impressões de viagem em terras orientais, registradas trinta anos antes no seu diário de viagem, transformado em livro – *Aventura e Rotina*. Naquela época, havia ele suspeitado da ressurgência de culturas não-européias, após sofrerem o impacto desestruturante do imperialismo europeu, ameaçavam emergir sob novas formas após o reencontro de suas raízes. Assim, o tema apenas esboçado naquele livro, que o autor considera mais do que uma

antecipação, uma quase profecia, é a "ressurgência islâmica como poder ou desafio" não só ao cristianismo, mas ao Ocidente (Freyre, 1983: 16). A revisão daquele livro para uma reedição em 1980, coincidindo com a proximidade do episódio da recém vitoriosa revolução islâmica do Irã, ensejaram a elaboração deste livro dedicado ao exame das insurgências ou tendências emergentes e inusitadas na contemporaneidade e seus cruzamentos, com tendências ao retorno de tradições reprimidas e sufocadas pelo modelo racional imposto como verdade universal pelo Ocidente.

Mais uma vez G. Freyre investe em sua tese da progressiva perda da hegemonia européia ou ocidental no mundo, que algumas vezes assume formas dramáticas que o levam a assim exprimi-la: "...sensacionais "revanches" contra os primados das culturas do Ocidente, da parte de um Oriente - ou de vários Orientes e de outras tantas Áfricas -, vencidos mas não convencidos por impactos europeizantes ou ianquizantes" (Freyre, 1983: 17).

No entanto, uma ressurgência católica é vislumbrada por ele a partir das características do papado do Papa João Paulo II, menos racionalizante e mais sensível às demandas sacralizadoras e místicas dos fiéis contemporâneos. Contudo, não se trata do retorno da violenta contenda medieval entre cristãos e muçulmanos, já que a Igreja católica da pós-modernidade estaria mais propensa a contemporizar com árabes e judeus. Assim, em sua apreciação acerca do rumo do catolicismo no Ocidente contemporâneo aponta para "uma revitalização do catolicismo que o torne apto a defrontar-se, não só conflitantemente como, principalmente, solidariamente, em vários pontos, como um ressurgente islamismo" (Freyre, 1983: 39). Após submeter-se o catolicismo à uma secularização e de desenvolver uma vertente progressista conduzida "por teólogos, antes lógicos do que místicos", e por isso vista com desconfiança por Freyre, que anima-se com as atuais tendências da Igreja, a reconciliar-se com as demandas "irracionais" e intuitivas da religiosidade popular. Na verdade, reconhece ele que nos meios populares a vivência de práticas e crenças místicas jamais foi abandonada, sendo agora não apenas tolerada, como prestigiada, e valorizada, segundo as orientações atuais conduzidas pelo Papa João Paulo II.

Para estabelecer um diálogo com as idéias de G. Freyre contidas no livro em destaque, identificamos a obra de Gilbert Durand, **A fé do sapateiro** (1984), que embora sendo praticamente coeva em relação à primeira, nos ofereceu inúmeros pontos de convergência que orientarão nossa busca de paralelismos. O antropólogo francês desenvolve sua análise, de forma certamente mais sistemática e menos fragmentária que nosso antropólogo, em seu estilo anárquico, no intuito de denunciar o que ele denomina "aggiornamento" da teologia moderna, especialmente no âmbito do cristianismo. Conforme o propósito explícito pelo autor, na sucessão dos capítulos integrantes do livro, seu intento foi o de recolher os "vestígios de uma gnose ingênua", presente nos recônditos de um Ocidente profundo ou remoto (Durand, 1984: 22). Neste esforço parece esboçar-se uma tentativa de recuperar desse passado quase imemorial, elementos capazes de revitalizar o Ocidente, cujo investimento na racionalização foi longe demais, tornando-o esvaziado de novas perspectivas. Para realizar esse mergulho na memória perdida do Ocidente, o autor defende a idéia da necessidade de se escrever "uma espécie de anti-história da mentalidade do Ocidente", explorando a contribuição de poetas, místicos, alquimistas, teósofos e certos filósofos marginalizados para apreender a imaginação humana, que sob pressões iconoclastas disfarça-se em alegorias, muitas das quais providas de uma produção inconsciente, que desperta o interesse dos hermeneutas (Durand, 1984: 31). Daí nasce a proposição central do seu livro, ou seja, a da ressurgência das imagens no contexto moderno, que equivale dizer uma ressurgência do Romantismo, a qual ele complementa com a noção de um retorno de Dionísio, inspirado nas imagens

espetáculo produzidas pelas onipresentes redes de comunicação.

A partir dessas rápidas considerações a respeito da profunda e erudita análise de G. Durand, podemos visualizar algumas aproximações entre os dois autores, no que se refere ao retorno de uma fé mais pura e mais ingênua representada pela simbólica figura do sapateiro. Apelando para uma concepção gnóstica, o sapateiro simboliza o sacerdote que alia o céu e a terra, a luz e as trevas, distanciada portanto da visão que os separa, cujo mister é assim definido: "*A arte do sapateiro está toda aí: na união da rudeza, da solidez da terra com a leve abóboda do céu*" (Durand, 1984: 14). Trilhando alguns caminhos convergentes, ambos os Gilbertos pressentem uma ressurgência do Romantismo e, de um tempo dionisiaco. Em suas alusões a autores como Spengler e Roszak, encontramos outras convergências. Do segundo, Durand acolhe uma recomendação que concerne à retomada, urgente e necessária, da gnose que torna-se talvez o "leitmotiv" de todo o percurso realizado em seu livro.

Aliás, uma associação entre Romantismo e gnose é feita, com base na formulação de Léon Cellier de que alguns romances conservam um certo sentido iniciático ao recuperar epopéias gnósticas (Durand, 1984: 33).

Embora Freyre não tenha dado a devida ênfase à uma ressurgência da gnose, ele certamente apontou autores (também referidos por Durand) que realçaram a dimensão irracional e inconsciente do homem, como Jung e mesmo Freud, além de Mircea Eliade ao valorizarem as atividades humanas relativas aos sonhos e aos mitos, desprezadas pelo Ocidente, desde que optou por privilegiar a consciência e seus conteúdos. Partindo das visões descentralizadas em relação ao contexto europeu moderno produzidas pelos autores acima citados, bem como pelos contatos impostos pelo aparecimento de novos estados-nação em Orientes e Áfricas e, ainda, pelas incursões e reflexões de antropólogos como Boas e Malinowski, reconhece o nosso autor que o Ocidente estaria preparado para absorver esse revivalismo místico. Assim, se há um reconhecimento por parte de vários desses intelectuais e pensadores europeus quanto ao "*declínio do Ocidente*", argumentado por Spengler, uma questão crucial se apresenta neste momento. Terá o Ocidente condições de encontrar em seus próprios valores uma perspectiva nova e criadora para revitalizar-se? Ou esgotado o seu potencial imaginário para a perspectiva mística, restaria ao Ocidente buscar nas "velhas civilizações não-dinâmicas" especialmente aquelas do Oriente, os valores para sua renovação?

Ambos os autores novamente se empenham em produzir suas respostas para estas questões, embora elas sejam até certo ponto discordantes. Enquanto Freyre, como pensador oriundo da periferia ou de um meio não puramente ocidental, defende a hipótese de que a Europa deverá inspirar-se em culturas arcaicas e mais afastadas do epicentro da tradição ocidental européia, para se preparar para responder às exigências sociais de uma nova ordem social; Durand, como membro legítimo da tradição filosófica européia, acredita que a Europa ainda guarda nas camadas mais profundas de sua memória, resquícios de uma mística gnóstica e primitiva capaz de reacender, criando novos horizontes e uma nova vitalidade para que a Europa possa enfrentar os desafios do presente e os que estão por vir.

Mas, apesar de Freyre demonstrar maior simpatia pela alternativa da emergência de valores de culturas não-européias, possibilitando a inauguração de um tempo não dominado pelo exclusivismo europeu, ele acredita numa revitalização européia motivada pela elaboração de sínteses de culturas e civilizações distintas, que ele supõe já estejam em curso.

O último dos livros de G. Freyre listados por este trabalho a testemunhar seu sentido de contemporaneidade, *Modos de homem & modas de mulher*, diferentemente dos demais, não chega a ser portador de antecipações. Contudo, o

interesse pela abordagem do tema da moda sob uma ótica sociológica, se insere necessariamente no contexto da contemporaneidade, em que somos regidos pela idéia do efêmero, onde a moda representa a melhor tradução dessa idéia.

Entretanto, não constitui a moda o tema exclusivo do seu livro, uma vez que ela aparece confrontada com a idéia de modos, significando hábitos ou costumes que têm uma conotação ligada à tradição e aos aspectos mais constantes de uma cultura. A oposição entre modos e modas encontra respaldo conceitual e teórico no manual de sociologia dos sociólogos americanos W.F. Ogburn e M.F. Nimkoff, que teriam sido pioneiros na abordagem desse tema, para quem, 'modas' ... "*seriam uma espécie de oposto social ou sociocultural de 'costumes': estes, formas de comportamento bem estabelecidas e difíceis de serem alteradas*" (Freyre, 1986: 35). Mas Freyre, com seu espírito sincrético, trata de amolecer esta oposição ao constatar que os "*costumes bem estabelecidos sofrem impactos de modas transitórias porém sucessivas*" (Freyre, 1986: 36). Daí, sua sugestão de favorecer uma relação de oposição, mas também de complementaridade entre as duas tendências socioculturais, em que uma exerce influência sobre a outra, o que justifica o emprego do símbolo conectivo "&", no título do livro, em lugar do convencional "e", que indica simples oposição.

Em suas teorizações sobre a moda, observa que o designer ou criador de moda, nem sempre age por puro capricho estético, mas é também guiado pelas transformações sociais, adaptando-as a novos estilos de trajar. Talvez o fato de ter sido a mulher o alvo de transformações profundas em seu papel social ao longo deste século, mas não só por isso, as modas foram associadas à elas principalmente, enquanto aos homens menos suscetíveis às modas, preferiu atribuí-los os modos. Na verdade, estas associações são menos reais do que conceituais, já que na prática os homens tanto quanto as mulheres estão envolvidos pelos apelos da moda, buscando investir cada vez mais em suas aparências para manterem-se belos e juvenis. Baudrillard foi mais feliz ao tomar o masculino e o feminino como modelos estruturais de diferenciação e ordenação do mundo, que se mantêm operantes no contexto da sociedade de consumo, no sistema de publicidade moderna. Nele o modelo masculino tem sido associado à idéia de seleção e exigência, e o feminino à auto-satisfação e ao apelo narcisístico, de modo que ele interpreta o campo do consumo como essencialmente feminino (Baudrillard, 1970: 139-143). Nos atrevemos, aqui, a expandir a explicação do sociólogo francês em relação à publicidade e ao consumo para o campo da moda tratado por Freyre, que reconhece que ele não é um campo exclusivamente feminino na prática cotidiana, mas reafirma que, essencialmente, a moda se constitui expressão mais de feminilidade do que de masculinidade (Freyre, 1986: 12).

A associação entre a moda e as mudanças socioculturais é analisada à luz da alteração dos papéis sociais conquistados pela mulher, com destaque o período do pós-guerra, que favoreceu o aparecimento de uma moda masculinizante, com a introdução da calça comprida feminina. Moda que sendo adequada às novas exigências da mulher, inserida no mercado de trabalho, tornou-se duradoura.

Entretanto, as tendências periódicas de masculinização no trajar feminino são contrabalançadas com tendências a realçar a feminilidade, através de artifícios que deixam à mostra o ondulado das formas femininas. A moda, porém, nem sempre mostra-se adaptada aos gostos, ou aos modos de certas culturas, apresentando um caráter coercitivo, cujo efeito gera uma indesejável uniformização. Novamente, acredita Freyre nos hábitos culturais, nas especificidades ecológicas e de personalidade como forças de resistência e de adaptação às modas, que não são de fato tão onipotentes assim. Como fator psicológico de personalidade, lembra ele, as ocorrências não tão raras de dissidência na moda por parte de certas mulheres, que buscam personalizar o mais possível seu modo de vestir e toda a sua aparência

exterior em função de um estilo pessoal. Quanto às influências culturais aliadas às psicológicas, ele faz o seguinte comentário: "*uma moda de mulher, para ter êxito, precisa sensibilizar não só um gosto por formas, generalizado na sociedade a que se dirige, como os egos que constituem esse todo coletivo*" (Freyre, 1986: 33).

O conceito de moda empregado nesta obra adquire um sentido abrangente, de modo que G. Freyre dedica parte de sua análise às modas ligadas ao campo artístico e o das idéias e, neste sentido, aborda o movimento modernista, consagrado através da Semana de Arte de 22, como um modismo que ganhou muitos adeptos no Brasil, sendo um reflexo da influência estrangeira. Tal evocação ao movimento modernista suscita sua reflexão a respeito do movimento regionalista, que teria adotado padrões modernistas, incorporando-os à literatura, ao teatro e à pintura de escritores e artistas regionais, porém, numa insubmissão aos modelos importados do estrangeiro.

Com isso, ele procura analisar não apenas a moda na atualidade, mas também a moda no passado patriarcal brasileiro, retomando estudos anteriores em que focalizou o tema, como em Sobrados e Mucambos. Observa ele, que só recentemente a moda brasileira tem buscado um caráter próprio, ao procurar adaptar os estilos de trajar à tropicalidade do clima brasileiro e à modernidade da mulher brasileira, que periodicamente reintroduz adereços produzidos pelo artesanato local, como marca de personalização dessa moda.

Para finalizar, queremos destacar a contribuição de Gilberto Freyre para o estudo de fenômenos da contemporaneidade e do cotidiano da vida moderna, afetados simultaneamente pelas modas e modos, que atingem os mais diferentes campos das práticas sociais, inclusive os modos de pensar e sentir. É, portanto, nesta perspectiva, que nosso autor constrói sua concepção de que os fenômenos da contemporaneidade, embora se revelem uma força significativa no cotidiano das sociedades modernas, eles estão sujeitos às características mais duradouras da cultura, o que resulta em configurações singulares para as culturas de cada lugar. Singularidade que de alguma forma se perpetua no tempo, visto em sua forma "tríbia", em que presente, passado e futuro se interpenetram em um só tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. (1970). **La société de consommation**. Paris: Denoël.

DURAND, Gilbert . (1984). **A fé do sapateiro**. Brasília: Editora da Unb, 1995.

FREYRE, Gilberto. (1973). **Além do apenas moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio.

_____. (1983). **Insurgências e ressurgências atuais**. Porto Alegre: Globo.

_____. (1986). **Modos de homem & modas de mulher**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LIPOVETSKI, Gilles. (1994). **El crepúsculo del deber**. Barcelona: Anagrama.